

**História Oral e Sujeito Reflexivo: aspectos epistemológicos, conceituais e práticos**  
**Oral History and Reflective Subject: epistemological, conceptual and practical aspects**  
**Historia Oral e Sujeito Reflexivo: aspectos epistemológicos, conceptuales y prácticos**

Recebido: 06/10/2020 | Revisado: 09/10/2020 | Aceito: 13/10/2020 | Publicado: 15/10/2020

**Mônica de Fatima Bianco**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4280-7630>

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: [mofbianco@gmail.com](mailto:mofbianco@gmail.com)

**José Bohland Filho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7541-3825>

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Brasil

E-mail: [jbohlandfo@gmail.com](mailto:jbohlandfo@gmail.com)

**Resumo**

O objetivo deste artigo é resgatar a pertinência do uso do método História Oral em Estudos Organizacionais que privilegiem o ponto de vista humano sobre o trabalho. Há uma preocupação para além dos aspectos epistêmicos, em se tratar também de aspectos metodológicos voltados à operacionalização das pesquisas de modo pertinente. Para atender aos propósitos explicitados, uma pesquisa bibliográfica foi realizada. Apesar de o método ser conhecido e utilizado no Brasil há quase cinquenta anos, ainda cabe discussão sobre vários aspectos relativos à sua pertinência e uso. Buscou-se discutir primeiro a concepção do método, tratando-se de aspectos históricos e conceituais. Em seguida de aspectos pertinentes à operacionalização das pesquisas, principalmente dos cuidados necessários para o pesquisador estar em campo. Como conclusão, entende-se que em uma pesquisa envolvendo o contexto do trabalho e a valorização dos saberes de trabalhadores, o uso do método permite certo empoderamento e transformação de sujeitos, pois consente aos participantes reflexão e consciência social.

**Palavras-chave:** História oral; Método; Estudos organizacionais; Trabalho; Sujeito.

### **Abstract**

The objective of this article is to recover the pertinence of the use of the Oral History method in Organizational Studies that privilege the human point of view on work. There is a concern in addition to the epistemic aspects, in dealing with methodological aspects related to the operationalization of research in a pertinent way. Although the method has been known and used in Brazil for almost fifty years, there is still room for discussion on several aspects related to its relevance and use. We tried to discuss the conception of the method first, dealing with historical and conceptual aspects. Then, aspects related to the operationalization of the research, mainly of the necessary care for the researcher to be in the field. As a conclusion, it is understood that in a research involving the work context and the valorization of workers' knowledge, the use of the method allows a certain empowerment and transformation of subjects, as it allows participants to reflect and social awareness.

**Keywords:** Oral history; Method; Organizational studies; Work; Subject.

### **Resumen**

El propósito de este artículo es rescatar la pertinencia de utilizar el método de Historia Oral en Estudios Organizacionales que privilegian el punto de vista humano acerca del trabajo. Existe una preocupación, además de los aspectos epistémicos, en abordar de manera pertinente los aspectos metodológicos relacionados con la operacionalización de la investigación. Para cumplir con los propósitos planteados, se realizó una búsqueda bibliográfica. Si bien el método es conocido y utilizado en Brasil desde hace casi cincuenta años, todavía hay espacio para la discusión sobre varios aspectos relacionados con su relevancia y uso. Intentamos discutir primero la concepción del método, ocupándonos de aspectos históricos y conceptuales. Luego, aspectos relacionados con la operacionalización de la investigación, principalmente de los cuidados necesarios para que el investigador esté en el campo. Como conclusión, se entiende que en una investigación que involucre el contexto de trabajo y la valorización del conocimiento de los trabajadores, el uso del método permite un empoderamiento y transformación de los sujetos, ya que permite a los participantes la reflexión y la conciencia social.

**Palabras clave:** Historia oral; Método; Estudios organizacionales; Trabajo; Sujeto.

## 1. Introdução

Trabalhar sobre relatos de “história de vida” no campo das ciências é uma revolução metodológica que constitui emergência de dois paradigmas: o paradigma de um conhecimento fundamentado sobre uma subjetividade explicitada e o paradigma de um conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares (Josso, 2006).

Esses dois paradigmas podem ser norteadores de estudos organizacionais que envolvam o trabalho humano, carregado de subjetividades, valores e modos de agir singulares, cujas potencialidades merecem ainda ser investigadas, e a escolha de diferentes métodos para abordar tais conhecimentos e especificidades discutidas.

Partindo desses pressupostos, o objetivo deste artigo é resgatar a pertinência do uso do método História Oral (H. O.) em Estudos Organizacionais que privilegiem o ponto de vista humano sobre o trabalho. No entanto, há também uma preocupação em se tratar de aspectos para além dos epistêmicos, de aspectos metodológicos para viabilizar a operacionalização das pesquisas de modo pertinente. Para isso, no artigo, foi feito um levantamento bibliográfico que busca resgatar a concepção do método em discussão, trazendo aspectos históricos e conceituais, e aspectos pertinentes à operacionalização das pesquisas, discutindo-se cuidados específicos que o pesquisador precisa ter antes e ao estar em campo. Trata-se, portanto de uma pesquisa bibliográfica visando atender aos propósitos explicitados.

O tópico a seguir inicia a discussão epistêmica, partindo do histórico e da conceituação pertinente ao tema.

## 2. Concepção do Método: Histórico e Conceituação

Segundo Thomson (2000) dentre outros autores, a *North American Oral History Association* registra que

“a história oral, como técnica moderna de documentação histórica, foi estabelecida em 1948 quando Allan Nevins<sup>1</sup>, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar memórias de pessoas importantes da vida americana”. (Thomson, 2000, p. 47)

No entanto, Josso (2006) aponta

As “Histórias de Vida” como método de pesquisa foram introduzidas na sociologia por Thomas e Znaniecki em Chicago, no início do Século XX, como metodologia de observação participante junto a populações imigrantes. E . . . apresentou-se, de saída, com uma dupla ambição: de pesquisa clássica e de intervenção que permitia ao sujeito tomar consciência de suas potencialidades de ator social. (Josso, 2006, p. 21)

Ou seja, Josso entende que para os citados autores, a História de Vida está “a serviço de uma compreensão das condições sociais de trabalho efetuada pelos próprios atores e logo, instrumento de conscientização e de formação.” (Josso, 2006, pp. 21-22).

Para efeitos de compreensão, parece importante ressaltar que a memória emancipou-se da História, do séc. XIX para o XX. Entendendo-se desse desdobramento que “a memória é o vivido e a história é o elaborado.” (Gomes & Santana, 2010, p. 5).

Quanto ao Brasil, “pode-se dizer que a moderna história oral brasileira definiu-se entre nós a partir de 1979, florescendo principalmente depois de 1983 no processo de redemocratização política do país.” (Meihy, 2000, p. 85). A primeira tentativa, no entanto, data de 1973 quando patrocinada pela Fundação Ford em conjunto com a Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (CPDOC-FGV) reuniram-se, no Rio de Janeiro, acadêmicos preocupados com questão documental para as ciências sociais (Meihy, 2000). Além disso, para o mesmo autor, uma rápida abordagem da produção brasileira de história oral revela o seu compromisso político como forma de operação, colocando inclusive a universidade a serviço militante da sociedade.

Josso (2006) escreve que hoje a história de vida tornou-se uma metodologia de pesquisa e formação, aparecendo em cena inicialmente na Educação de adultos e na formação profissional contínua. Nesta perspectiva, “os saberes e o saber-fazer que eles esperam encontrar deverão ter sentido e serem eficazes, em sua cotidianidade, de seres humanos, profissionais e cidadãos.” (Josso, 2006, p. 23). O procedimento biográfico nos esclarece o modo pelo qual os aprendizes se formam e adquirem competências novas ou as aprofundam. Esse método permite ainda, numerosas tomadas de consciências que ajudam os aprendizes a melhor situar os desafios de sua formação em curso e os procedimentos de trabalho que favorecem suas aprendizagens e os pontos fracos e fortes na gestão de suas próprias aprendizagens (Josso, 2006).

O termo História de vida, segundo Souza (2006)

Corresponde a uma denominação genérica que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados

que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos. (Souza, 2006, p. 139)

Tal método se apresenta como valiosa contribuição para as Ciências Sociais. (Gonçalves & Lisboa, 2007) e entende-se para os Estudos Organizacionais também (Granato, Lopes & Costa, 2020). Sabendo-se que “Métodos são neutros somente em princípio; na prática eles privilegiam diferentes tipos e conjunto de dados e são propícios a diferentes interpretações” (Sarantakos como citado em Gardini, 2012, p. 109, tradução nossa). A particularidade da história oral se dá pelo “estatuto que atribui à subjetividade e às experiências postas em evidência por um trabalho intersubjetivo (procedimento de interpretação interativa).” (Josso, 2006, p. 25).

A história oral é um método multidisciplinar que tem permitido a inter-relação entre diversas disciplinas como História, Sociologia, Psicologia, Educação, entre outras. (Gonçalves & Lisboa, 2007). Para Lozano (2008), atua numa plataforma interdisciplinar.

La plataforma interdisciplinaria que la ha cobijado también la ha nutrido de diversas maneras: con modelos teóricos, con métodos y técnicas, con temas y problemas de indagación, con espacios de comunicación y de debate, con publicaciones, organismos e instituciones de las ciencias sociales y humanas, y con un movimiento de carácter académico internacional. Uno de los núcleos animadores principales es la Asociación Internacional de Historia Oral (IOHA). (Lozano, 2008, p. 11)

Souza (2006), tendo como fonte Pazos (2002), afirma que uma diversidade de termos reflete diferentes perspectivas teóricas e metodológicas do trabalho com abordagem biográfica ou das histórias de vida no campo das ciências sociais e da formação de professores, os quais são denominados “estúdios narrativos, métodos de experiência personal, métodos biográficos, experiências de vida, historias y relatos de vida, história oral, historia y narrativas personales, autoetnografia, etc.” (Pazos como citado em Souza, 2006, p. 137).

Para esse autor,

o entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e socioculturais vividos pelos sujeitos em diferentes contextos. (Souza, 2006, p. 137)

Outros preferem delimitar como trajetória de vida determinado ciclo ou etapa da vida, isto é, “Trajetórias de vida, portanto, podem ser consideradas como partes de uma história de vida, um determinado percurso, itinerário ou ciclo que vai ao encontro do interesse do profissional ou pesquisador.” (Gonçalves & Lisboa, 2007, p. 88).

Ao se estudar a bibliografia disponível, percebeu-se que existem diferentes conceitos para a história oral, e para compreensão escolheu-se este:

História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos. Procedida com pessoas vivas, como expressão do tempo presente, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata. (Meihy, 2002, p. 14)

Para o autor, os entrevistados são as pessoas ouvidas em um projeto e reconhecidas como colaboradores, e o projeto exige um coordenador. “A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral”, garantindo “sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem.” (Meihy, 2002, p. 15).

As fontes orais são decorrentes de projetos de gravação, como banco de entrevistas ou pesquisas dirigidas, segundo o mesmo autor. Em termos de registro, não somente o gravado, mas o gesto, a lágrima, o riso ou as expressões faciais, fazem parte dos discursos que devem ser trabalhados para dar sentido ao que foi expresso numa entrevista de história oral. (Meihy, 2002)

Entende-se que “é a subversão do saber “disciplinado”, é a conquista do popular sobre a experiência individual e do grupo que dinamiza a história oral.” (Meihy, 2002, p. 21). Para o autor, são seus propósitos básicos: registro e compreensão da sociedade. Além disso, se mostrou sempre decorrência da democracia, pois sem liberdade não se pode pensar em depoimentos gravados livremente.

Quando a cultura oficial aborda os grupos excluídos, colocando-os como tema de seus estudos, o faz por via indireta, pelos documentos escritos. Assim, essas análises são sempre “sobre” eles e nunca “deles”. Os documentos impressos, então exercem um papel de filtro que tende a considerar sempre os fatores socioeconômicos e não os comportamentos subjetivos. (Meihy, 2002, p. 31)

A concepção de história oral como método privilegia os depoimentos como atenção central dos estudos, ou seja, trata-se de focalizar as entrevistas como ponto central das

análises; preocupando-se com os critérios desde o recolhimento das entrevistas, com o seu processamento de oral para escrito e com os resultados (Meihy, 2002).

Para esse autor, os projetos de história oral marcam os compromissos de categorização da memória por: classe social; etnia; gênero e circunstância histórica. “É imperioso justificar a estruturação de comportamentos que fazem da memória dessas – e de outras – categorias fator de identidades.” (Meihy, 2002, p. 56). E nesse mesmo sentido uma citação tem destaque para o autor, “É a identidade que dá qualidade à memória de um grupo e é a memória que distingue sua identidade. Uma não existe sem a outra.” (Harald Weinrich como citado em Meihy, 2002, p. 56). Logo, é fundamental para o método que se leve em conta o lugar social dos indivíduos ou grupos que projetam as versões. E, entende-se que os compromissos de classes sociais são os mais influentes de todos (Meihy, 2002).

Em história oral, o “grupal”, “social” ou “coletivo” não corresponde a soma dos particulares. A observância em relação à pessoa em sua unidade é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com o depoimento. Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes indenitários culturais. (Meihy, 2002, p. 68)

É importante ressaltar que para o citado autor, cada depoimento para a história oral tem peso autônomo, ainda que se explique socialmente. Além disso, “o respeito pelas singularidades dos sujeitos, de suas histórias e das suas narrativas são princípios colocados para os sujeitos envolvidos desde o início do trabalho” de pesquisa (Souza, 2006, p. 145). Há um amplo esforço de se resgatar a palavra de indivíduos que, sem a mediação do pesquisador, não deixariam nenhum testemunho (Gomes & Santana, 2010).

Ataíde (2006) destaca três modalidades de história oral: *história oral temática*, para abordar temas vividos pelo entrevistado; *tradição oral*, para o conhecimento da origem dos grupos étnicos (*Sic.*) [ou étnicos] ou comunidades diversas para investigar a tradição cultural e a visão de mundo desses grupos; *história oral de vida*, a qual dirige seu foco para a experiência pessoal do entrevistado, enfatizando seus processos subjetivos e sua(s) identidade(s). “A história oral de vida, como narrativa, representa uma das formas como o sujeito se compreende, como interpreta sua autoimagem e como deseja ser conhecido pelos outros.” (Ataíde, 2006, p. 318). Nesse mesmo sentido expõem-se uma síntese no Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1.** Tipologia da história oral.

Aspectos principais		
História oral de vida	História oral temática	Tradição oral
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sujeito primordial é o depoente.</li> <li>- Retrato oficial do depoente.</li> <li>- A verdade está na versão por ele apresentada.</li> <li>- Narrador é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.</li> <li>- As perguntas das entrevistas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado.</li> <li>- O entrevistador não deve contestar o entrevistado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico.</li> <li>- A entrevista é mais um documento, compatível com a busca de esclarecimentos e, por isso, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica mais explícito.</li> <li>- Parte de um assunto específico e Preestabelecido → a objetividade é direta, pois a temática gira em torno de um esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido.</li> <li>- Pretende-se que a história oral temática tenha alguma versão de um acontecimento que seja discutível ou contestatória. O entrevistador tem papel mais ativo, inclusive de contestação do que o entrevistado diz.</li> <li>- Detalhes da vida pessoal do narrador interessam por revelarem aspectos úteis à informação temática central.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto.</li> <li>- Remete às questões de um passado longínquo que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional.</li> <li>- Exemplos de estudos de tradição oral: destino dos deuses, semideuses, heróis, personagens históricos e malditos, origem de povos, calendários, festividades, rituais, cerimônias cíclicas.</li> <li>- O sujeito neste tipo de pesquisa é sempre mais coletivo e menos individual.</li> <li>- Seu uso é comum em estudos de tribos e clãs, que resistem à modernidade.</li> <li>- A entrevista deve abranger pessoas que sejam depositárias das tradições.</li> </ul>

*Nota.* Fonte: Recuperado de “Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração”. M. C. A. Capelle, C. L. P. Borges e A. R. A. Miranda, 2010. In: Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, *Resumo dos trabalhos ENEO 2010*, pp. 6-7.

Para Souza (2006), em concordância com Josso, uma particularidade do método História Oral indica

A interpretação vivenciada pelo ator no processo de narrar sobre si coloca-o num movimento e numa posição de “estranhamento do outro”, através da exteriorização/materialização de suas experiências num projeto de “investigação-formação”. (Souza, 2006, p. 144)

Para Josso (1999), aspecto original da metodologia de pesquisa-formação em História de vida situa-se, numa constante preocupação em que os autores dos relatos cheguem a uma produção de conhecimento que faça sentido para eles, que se engajem, eles próprios, num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos.



Segundo a autora,

A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais. (Josso, 2007, p. 417)

E dá continuidade a essa discussão, trazendo que a sociologia e a antropologia

construíram conceitos de socialização e de aculturação para designar as modalidades de conformação às normas (a seguir conformização) e de adaptação dos indivíduos às atividades materiais e simbólicas que caracterizam as interdependências dinâmicas entre as individualidades e os grupos socioculturais. . . . Essas duas disciplinas constituíram o ângulo de observação da maneira pela qual os indivíduos são modelados, através de um conjunto de obrigações e de solicitações que os ajudarão a ter lugar numa funcionalidade social e cultural. (Josso, 2007, p. 417)

A autora chama a atenção para as lacunas que as análises em geral ignoram, e a H. O. valoriza, como aspectos da existencialidade, assim como “as *potencialidades de uma invenção de si, em ruptura e ao mesmo tempo em ligação com o contexto socio-histórico, as heranças socioculturais do fazer, do pensar, do sentir, do agir, do comunicar, etc..*” (Josso, 2007, p. 417, destaques da autora).

No que diz respeito à subjetividade envolvida, podem-se explicitar as considerações de Gardini, com base em Portelli (1998), “subjetividade é tanto o negócio da história como são os mais visíveis “fatos”. O que os informantes acreditam é, de fato, um *fato* histórico . . . como os são tanto os que realmente aconteceram”. (Portelli como citado em Gardini, 2012, p. 116, tradução nossa). “Em História Oral, o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Nesse sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou”. (Gomes & Santana, 2010, p. 8).

Sob o ponto de vista da crítica que se faz ao método, mesmo sob o ponto de vista do estudo de uma temática específica, Gardini traz alguns elementos para reflexão. Na visão do autor, “o gap de tempo entre o evento e sua narrativa ou análise é inevitável”, no entanto essa distância não é necessariamente uma limitação em si e poderia ser vista como positiva por permitir espaço para reflexão isolada e análise ponderada (Gardini, 2012, pp. 113-114). E, sob o ponto de vista da subjetividade e do viés social, o autor (assim como Gomes & Santana,

2010) entende que afetam todos os tipos de fontes e trabalhos acadêmicos tanto relacionados a entrevistas quanto a documentos. Ou seja, “a fonte seja um entrevistado ou um documento escrito, é produzido por pessoas que vivem em certo contexto histórico e social e que trazem consigo, valores, ideias e visões de mundo.” (Gardini, 2012, p. 116). Assim, como a interpretação dessas fontes também é feita por alguém que vive um contexto histórico e social específico.

Ao buscar contornar tais aspectos críticos, o mesmo autor ressalta que “exatidão profissional e integridade são qualidades essenciais para um bom acadêmico. Em termos de precisão, é aconselhável usar múltiplas fontes, e para fazê-lo de modo adequado, seguindo o estabelecido como boa prática acadêmica.” (Gardini, 2012, p. 117).

### **3. Aspectos Importantes na Operacionalização do Método**

Neste tópico busca-se descrever condições de operacionalização do método, no sentido de facilitar o seu uso e difusão para pesquisadores da área de Estudos Organizacionais, principalmente, uma vez que se quer resgatar o tema como pertinente para o uso na área.

#### **3.1. Condições de entrevistas**

Um projeto deste tipo implica uma série de decisões sobre as entrevistas. Deve-se especificar se terão ou não estímulos, se serão únicas ou variadas, se determinar o número e horas de gravação, onde serão realizadas e se as narrativas serão livres ou estruturadas (Meihy, 2002). E, todos esses aspectos devem estar previstos no projeto.

Para Ataíde (2006), todo o caminho percorrido pelo pesquisador para realização da entrevista, que deve obedecer a um conjunto de normas, deve ser apresentado no relatório da pesquisa. Ela entende ser de “fundamental importância que sejam apresentadas as técnicas aplicadas para transformar a documentação oral em texto escrito, integrado ao trabalho da pesquisa.” (Ataíde, 2006, p. 316).

#### **3.2. Utilização e publicização das identidades**

A utilização e a publicização das identidades dos sujeitos envolvidos nesses processos de pesquisa exigem, do ponto de vista ético, uma aproximação e reaproximação das

singularidades e adoção de alguns critérios que segundo Souza (2006) são: termo de autorização assinado; explicitação de procedimentos de análise e do modo de utilização das fontes; devolução e leitura do trabalho com o grupo, resultando em revisão e autorização para a utilização do material gerado.

Além disso, para Meihy em concordância com outros autores, a moderna história oral delega ao depoente o direito de veto e censura da própria fala, além de para o autor dar possibilidades mais amplas de participação no andamento da pesquisa; o narrador assume assim papel de personagem essencial no projeto onde o poder de uso da entrevista não depende apenas de quem coordena o projeto (Meihy, 2002).

Para Meihy (2002), na história oral, diferente de outras tradições disciplinares, usa-se deliberadamente a designação de “colaborador” para o narrador, por se entender que a entrevista demanda dois lados pessoais e humanos. Esse termo, no entendimento do autor, estabelece uma relação de compromisso entre as partes.

### **3.3. Conselhos para entrevistadores**

Thomson (2000), com base em Morrisey, traz conselhos práticos para entrevistadores da história oral:

a importância da preparação; a necessidade de estabelecer *rapport* e intimidade, de ouvir e de fazer perguntas abertas, de refrear os impulsos de interromper; a importância de permitir pausas e silêncios, de fugir dos jargões, de evitar ser inquisitivo e de minimizar a presença do gravador. (Thomson, 2000, p. 48)

Primeiramente preparar o equipamento de gravação (Yow, 1994). Ou seja, cuidar dos aspectos técnicos. E, algum encontro preliminar à entrevista é recomendado pela autora, como ação para melhorar a relação entre o entrevistador e o narrador, como por exemplo, uma visita para breve explanação do projeto e demonstração de entusiasmo para com a entrevista agendada (Yow, 1994).

O local escolhido e o tempo dedicado também são aspectos importantes como fatores intervenientes, segundo diferentes autores abordaram. No início deixar o narrador à vontade, mas ciente da importância da gravação e que ele pode declinar de responder qualquer questão é interessante (Yow, 1994).

Segundo Yow (1994), um guia de entrevista não é um questionário, trata-se de um plano para a entrevista. Ele contém os tópicos que o entrevistador propõe, mas não limita a

entrevista àqueles tópicos porque o narrador terá a liberdade para sugerir outros. Nem mesmo a ordem listada é imposta ao narrador que pode seguir do modo que fizer mais sentido para ele. Os tópicos cobrem os itens que o entrevistador entende como necessários, no entanto é construído em situação para permitir a emergência do não antecipado. A ordem cronológica é um caminho a proceder (Yow, 1994). Pode-se ressaltar que no Apêndice (A) desta fonte bibliográfica encontra-se uma sugestão de guia de entrevista.

A autora ressalta, como se aprende novas coisas com cada narrador, podem-se inserir novas questões ou tópicos para entrevistas subsequentes (Yow, 1994). Cabe ressaltar que para Thomson (2000), citando Briggs, a regra fundamental é ter sensibilidade para com os modos habituais da fala e comunicação e permitir que as pessoas usem seus próprios termos. Esse aspecto foi ressaltado aqui, dentre outros importantes destacados pelo autor. Neste sentido,

Saber ouvir é a característica fundamental do entrevistador. Este não é passivo nem neutro, na medida em que, com suas perguntas, participa e dirige o processo da entrevista, prepara o roteiro, seleciona as perguntas e introduz questões e temas a serem abordados pelo entrevistado. (Gomes & Santana, 2010, p. 9)

Outro aspecto relevante, uma vez realizada a entrevista, os discursos narrativos sempre que possível devem ser apresentados na íntegra e quando isso não for possível deve-se indicar o lugar de acesso a esse conteúdo (Meihy, 2002).

#### **4. Da Pertinência do Método para os Estudos Organizacionais**

Algumas reflexões importantes ainda podem ser feitas quanto à difusão do método nos estudos organizacionais, principalmente pautados na compreensão dos aspectos subjetivos e vivência dos sujeitos em contextos investigados. No caso a preocupação particular deste artigo remete a compreensão das subjetividades envolvidas em ambientes organizacionais e de estudos do trabalho, conforme antes apontado, usando-se de uma abordagem de pesquisa passível de transformação dos sujeitos envolvidos, tanto do lado organizacional investigado quanto do lado investigador.

Neste sentido, a dialética do encontro terá uma função pedagógica de transformar tanto pesquisadores quanto os seus colaboradores, contribuindo também para o desenvolvimento de processos subjetivos que participam da produção e transformação dos sujeitos envolvidos na construção das histórias orais de vida (Ataíde, 2006).

Também se pode dizer que os resultados da história oral modificam até certo ponto a prática científica, usualmente desligada do entorno social e dos sujeitos com os quais

interagia, mostrando o que há de mais significativo da experiência de vida individual e coletiva (Lozano, 2008).

Ainda em concordância com Lozano (2008), na história oral contemporânea, a fonte oral deve ser vista como estratégica e central, mas se deve ter consciência também que se trata de apenas uma dentre tantas disponíveis e ao alcance do pesquisador para proceder à reconstrução da percepção e representação, no tempo e espaço, da experiência humana. Esse modo de fazer História Oral permite combinar reflexão teórica, trabalho empírico e de campo original, produção de acervos públicos e, desenvolver maior relação e vínculo dos pesquisadores com os sujeitos do estudo (Lozano, 2008).

Nos estudos organizacionais, pode-se inferir que o possível uso da técnica já é realidade, por isso a ideia aqui é promover melhor divulgação e mais esclarecimentos sobre o seu uso e pertinência, no entanto, pode-se dizer que muitas vezes os devidos créditos ao método não são realizados. Esse aspecto é esclarecido por Ichikawa e Santos (2003), pois entendem que no campo, ao se levantar aspectos de experiências de vida dos entrevistados, sua visões de mundo, interpretações e memórias, e opiniões sobre diferentes assuntos, ideias e percepções, dentre outros, está se evidenciando fenômenos que muito revelam da realidade social e que se aproximam, portanto, da história oral.

Assim, no que diz respeito ao uso da História Oral nos estudos organizacionais mais especificamente, concorda-se com Gomes e Santana (2010), pois esta se apresenta como recurso possível e, em diferentes temas que a envolvem, assim como outros estudos historiográficos, tem sua oportunidade de pesquisa no campo da Administração, “com foco na análise organizacional<sup>2</sup>” (Gomes & Santana, 2010, pp. 12-13).

E, nesses casos, pode-se pensar de acordo com os citados autores que a História Oral permite que se recupere a visão das pessoas comuns nas organizações, como a dos trabalhadores, trazendo à tona as memórias “de grupos excluídos do processo decisório, que, de outra forma, não seriam consideradas nem fariam parte da História.” (Gomes & Santana, 2010, p. 14).

## **5. Considerações Finais**

Entende-se que uma pesquisa que envolva o contexto do trabalho, com foco na valorização dos saberes de trabalhadores, o uso do método permite certo empoderamento e transformação de sujeitos; pois permite aos sujeitos reflexão e consciência social, que auxilia nos processos de subjetivação. Na História Oral entende-se que os indivíduos são capazes de serem construtores e participantes da história (Capelle, Borges & Miranda, 2010).

E, seguindo esse raciocínio, tem-se que as entrevistas na História Oral permitem que a linguagem possa cristalizar imagens que remetam a um “lugar”, “situação”, ou melhor, que signifiquem novamente a experiência (Ichikawa & Santos, 2003). Novamente, um aspecto importante e pertinente para a pesquisa em estudos organizacionais e que envolva a importância dos sujeitos refletirem sobre as experiências de trabalho a partir de suas vivências e do relato que elaboram delas em situação.

Também, na tentativa de construção de organizações mais democráticas, a História Oral pode ser uma maneira de criar um canal de comunicação e de se ouvir os segmentos diversos, ouvir suas críticas e sugestões e apreender seus pontos de vista para se ter melhor compreensão da vida organizacional contemporânea (Ichikawa & Santos, 2003).

É com essa perspectiva em mente que se quer continuar pesquisando o trabalho humano nas organizações e o uso da História Oral passa a ser uma fonte de inspiração epistemológica, ou melhor, um método pertinente também para essas pesquisas temáticas tanto no Brasil quanto no mundo.

Como sugestão para estudos futuros com a História Oral considera-se pertinente a pesquisa com trabalhadores de setores produtivos extrativistas como do mármore e granito, por exemplo, que pode resgatar a cultura do trabalho local, da atividade de sindicalistas que é ainda pouco explorada ou sobre o conhecimento da astronomia indígena (etnoastronomia).

## Referências

Ataíde, Y. D. B. (2006). História oral e construção da história de vida. In: In: E. C. Souza & M. H. M. B. Abrahão. (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 313-324.

Bertero, C. O., & Keinert, T. M. M. (1994). A evolução da produção brasileira em Análise Organizacional a partir dos artigos publicados pela RAE no período de 1961-93. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 34(3), 81-90, Mai./Jun. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901994000300007>

Capelle M. C. A., Borges, C. L. P., & Miranda, A. R. A. (2010). Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração. In: Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, *Resumo dos trabalhos ENEO 2010*, Florianópolis: ANPAD.

Gardini, G. L. (2012). In Defense of Oral History: Evidence from the Mercosur Case. *Journal of Politics in Latin America*, 4(1), 107-133. <https://doi.org/10.1177/1866802X1200400104>

Gomes, A. M., & Santana, W. G. P. (2010). A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. *Cadernos EBAPE. BR*, 8 (1), artigo 1, Rio de Janeiro, Mar. <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512010000100002>

Gonçalves, R. C., & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis*, 10(Esp), 83-92. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300009>

Granato, L., Lopes F. T., & Costa, A. S. M. (2020). Historia e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida. *Organizações & Sociedade*, 27(94), 508-531. <https://doi.org/10.1590/1984-9270946>

Ichikawa, E. Y., & Santos, L. W. (2003). Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. In: Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração, *Resumo dos trabalhos ENANPAD 2003*, Atibaia: ANPAD.

Josso, M. C. (1999). História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as histórias de vida a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, 25(2), jul.-dez., 11-23. <https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000200002>

Josso, M. C. (2006). Os relatos de histórias de vida como desenvolvimento dos desafios existenciais da formação do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: E. C. Souza; M. H. M. B Abrahão. (Orgs.) *Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 21-40.

Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, XXX, n. 3(63), 413-438, set./dez. Recuperado de [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)

Lozano, J. E. A. (2008). Memórias convocadas. Los concursos de testimonios como fuente para la historia oral contemporânea. *Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad*, XIV, n. 4, Enero/ Abril. Recuperado de <http://www.scielo.org.mx/pdf/espiral/v14n41/v14n41a1.pdf>

Meihy, J. C. S. B. (2000). Desafios da História Oral Latino-Americana: o caso do Brasil. In: M.M. Ferreira; T.M. Fernandes; V. Alberti (Orgs.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – FGV, 85-97.

Meihy, J. C. S. B. (2002). *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, (4a ed.)

Souza, E. C. (2006). Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: E. C. Souza; M. H. M. B. Abrahão (Orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 135-148.

Thomson, A. (2000). Aos Cinquenta Anos: uma perspectiva internacional da História Oral. In: M. M. Ferreira; T. M. Fernandes; V. Alberti (Orgs.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz/ CPDOC – FGV, 47-66.

Yow, V. R. (1994). *Recording Oral History: a Practical Guide for Social Scientists*. California: SAGE Publications.

### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Mônica de Fatima Bianco – 65%

José Bohland Filho – 35%

---

<sup>1</sup> Encontraram-se informações em conflito nas diferentes fontes consultadas para esses nomes: Allan Nevis e Louis Starr em Ataíde (2006) e Ichikawa & Santos (2003) ou também Alan Nevins em Yow (1994).

<sup>2</sup> Nota nossa: análise organizacional no contexto engloba o estudo de organizações conforme Bertero e Keinert (1994, p. 82) referentes à Teoria Organizacional, à Teoria Geral da Administração e ao Comportamento Organizacional. “Portanto, a expressão Análise Organizacional foi adotada porque, no momento, é a que nos parece designar mais adequadamente a área em questão.”